

# CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS ENTRE OS JOVENS NO CONTEXTO ATUAL A PARTIR DE NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL

ESTORBEM, Brenda<sup>1</sup>  
LIMA, Rosilléya O. A.<sup>1</sup>  
RUBBO, Camila A. O.<sup>1</sup>  
SILVA, Talita G.<sup>1</sup>  
FITARONI, Juliana B.<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho se propõe a refletir sobre as questões que permeiam as relações sociais entre os jovens, pensando nas redes sociais como um mecanismo de intermediação nos relacionamentos e subjetivação dos jovens, em destaque o *Facebook*, uma das redes sociais mais utilizadas entre eles. Este trabalho está organizado como pesquisa bibliográfica com vistas a levantar os conteúdos produzidos sobre a temática, orientado pela perspectiva da psicologia identificando as redes como um mecanismo de intermediação nos relacionamentos e subjetivação dos jovens com base inicialmente nos estudos da Teoria das Representações Sociais. Como resultado, é possível apontar que quanto aos elementos bibliográficos, há poucos estudos sobre o tema no contexto da psicologia, e entre os estudos existentes sobre os adolescentes, torna-se possível destacar que os mesmos distinguem a relação pessoal, da relação frente aos meios tecnológicos evidenciando a noção de pertencimento entre o real e o virtual, e o conceito de amizade.

**Palavras-chave:** Interação; Psicologia; Redes sociais; Representação Social; Vínculos.

## CONSTRUCTION OF LINKS AMONG YOUNG PEOPLE IN THE CURRENT CONTEXT FROM NEW FORMS OF SOCIAL INTERACTION

### ABSTRACT

This paper aims to reflect on the issues that permeate social relations among young people, thinking of social networks as a mechanism of intermediation in relationships and subjectivation of young people, highlighting Facebook, one of the most used social networks among them. This work is organized as a bibliographic research aiming to raise the contents produced on the theme, guided by the perspective of psychology identifying the networks as a mechanism of intermediation in relationships and subjectivation of young people based initially on studies of Theory of Social Representations. As a result, it is possible to point out that as for the bibliographic elements, there are few studies on the subject in the context of psychology, and among the existing studies on adolescents, it is possible to highlight that they distinguish the personal relationship from the relation of technological issues, highlighting the notion of belonging between the real and the virtual, and the concept of friendship.

**Keywords:** Interaction; Psychology; Social Networks; Social Representation; Links.

---

<sup>1</sup> Acadêmicas do 10º Semestre do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG.

<sup>2</sup> Professora Mestra e orientadora do curso de Psicologia do UNIVAG.

## 1. INTRODUÇÃO

Os aspectos psicológicos e sociais estão presentes na forma como os jovens se comunicam, deste modo, o artigo se propõe a refletir sobre as questões que permeiam as relações sociais entre os jovens, pensando nas redes como um mecanismo de intermediação nos relacionamentos e subjetivação dos jovens, em destaque o *Facebook*, uma das redes sociais mais utilizadas entre eles. Para embasar a temática, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica baseada em artigos, com vistas a levantar os conteúdos produzidos sobre o tema, orientado pela perspectiva da psicologia social, mais especificamente na teoria das representações sociais, tendo em vista alguns conceitos como interação, vínculos, redes sociais, representação social e psicologia.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi iniciada na França em 1961 por Serge Moscovici, por meio da publicação de “*La Psychanalyse: son image et son public*” afim de apresentar e descrever como a psicanálise era concebida pela sociedade de Paris naquele período, surgindo como uma crítica a Psicologia. Portanto, considerada uma teoria científica que discorre sobre os processos pelos quais os indivíduos constroem significados por meio da interação social e visa elucidar as influências recíprocas entre as pessoas de um grupo e a realidade social na qual fazem parte (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

As representações sociais, ou os conhecimentos de senso comum, são construídas a partir de um grupo social onde as pessoas possuem capacidades se de expressar, e possibilidades para defender suas ideias, através de uma interação informal cotidiana transformando a informação que circula no grupo em trocas que se tornam algo familiar para todos. Elas se constroem a partir de um grupo, uma estrutura particular de significados e partilhados através de afinidades, de pertencimento grupal que acontecem em um espaço e tempo preciso. Sendo mantidas, ou preservadas de acordo com as necessidades daquele contexto social (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Referindo-se ao trabalho de Moscovici de 1976, sua finalidade era redefinir o campo da Psicologia Social a partir da noção de Representação Social, dando destaque a sua “função simbólica e seu poder de construção do real” (ALVES-MAZZOTTI, p.21, 2008). Destacam-se também dois processos que dão origem às representações sociais: “a objetivação e a ancoragem” a objetivação como a abertura de conceitos ou opiniões sobre a realidade, os quais, pela forma que são generalizadas ou reagrupadas, se modificam e passam a fazer parte da realidade dentro de um grupo social; e a ancoragem, como a

construção e organização de significados em torno de um elemento, relacionados a valores e práticas sociais. (MOSCOVICI, 1978, p. 14 apud ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 22).

A TRS compreende que existem formas de conhecer e se comunicar distintas e dirigidas por objetivos diferentes. De acordo com a discussão de Fitaroni (2016), há uma diferenciação entre as informações de senso comum e aquelas provenientes da ciência, onde Moscovici (2012) as diferencia “como consensual e científica”, cada uma de acordo com sua própria natureza. Os saberes científicos são construídos a partir do conhecimento produzido de forma racional, com objetivos e metodologia definidas a partir da ciência. Em contrapartida o consensual é marcado pelas atividades intelectuais da interação social diária, e é nesta situação que são estabelecidas as representações sociais.

Perante as transformações no meio social, que fazem parte do processo de evolução do homem, a internet e as redes sociais, surgem como “extensão” do sujeito e dos seus relacionamentos, marcado pelo acesso ao mundo globalizado. Sobre essa perspectiva, Santos, Cabestré e Moraes (2011) indicam que o fato das pessoas estarem em cenários diferentes e com diversas atividades que ocupam o tempo, o que impossibilita estarem presentes “face a face”, tornam as redes sociais o meio mais usados, como forma de se comunicar.

Atualmente o *Facebook* é a rede social mais utilizada principalmente por adolescentes e jovens, criado nos Estados Unidos o mesmo está presente na internet para o mundo todo, com mais de 18 milhões de usuários brasileiros, com um crescimento de 160% no ano de 2010 (BRAGA, 2011). Nesse sentido, cabe salientar que, embora a internet já tenha se popularizado no país desde a primeira década dos anos 2000, as redes sociais se consolidaram como uma ferramenta de interação social no final dessa mesma década, primeiramente pelo uso de plataformas como *Orkut*, *Messenger* e *Twitter* (AMANTE *et al.*, 2014). Portanto, as novas formas de interação entre os jovens através das redes sociais vêm crescendo, principalmente no cenário atual onde o “contato está na palma da mão”. Vemos pouquíssimas pessoas que não utilizam as redes sociais, através do celular, tablet ou notebook.

Dessa forma, destacamos a dificuldades em compreender todos os significados e motivações emergentes em sua totalidade que permeiam as redes sociais, uma vez que existem formas de reconhecer e se comunicar motivados por diferentes objetivos.

Portanto, compreender o que transcorre no processo de formação do sujeito junto com os mecanismos que envolvem sua forma de se relacionar com o outro, se faz

necessário ao passo que a psicologia enquanto ciência contribui para atuação do psicólogo e a tudo que está relacionado à subjetividade do sujeito e como isso é representado pelo por ele.

A questão primordial não é banalizar nem colocar as redes sociais em situação de “vilã na história”, até porque elas são e devem ser utilizadas como uma ferramenta importante de comunicação, mas existe algum momento em que isso pode se tornar excessivo e prejudicial e então a psicologia pode tentar compreender esse fenômeno e em que momento isso pode acontecer, na vida cotidiana e nos relacionamentos dos jovens.

## 2. METODOLOGIA

A abordagem proposta está embasada na pesquisa qualitativa, que trabalha com o âmbito de significados, motivos, crenças, atitudes, aspirações e valores, o que condiz a um espaço dentre as relações, e dos fenômenos que não podem ser restringidos à operacionalização de variáveis, tendo como principal ferramenta o pesquisador, pois, é ele quem faz o estudo dos dados coletados, buscando os conceitos, os princípios, as relações e os significados dos objetos (MINAYO, 2001).

De acordo Minayo (2001, p. 22) "a [...] abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas". A pesquisa qualitativa contém, portanto, um caráter subjetivo, pois, tendo em vista o critério para identificação dos resultados não é numérico, exato, apenas valorativo.

Dessa forma, as informações analisadas, como método de pesquisa de revisão bibliográfica levaram em consideração os conceitos de interação, vínculos, redes sociais, representação social e psicologia.

Utilizamos como critério de inclusão a pesquisa de artigos na plataforma Google Acadêmico sobre o assunto, com um recorte entre os anos de 2010 a 2017, utilizando as palavras-chave: interação, redes sociais, *Facebook* e psicologia. Esse período de busca foi respeitado, uma vez que ao buscarmos a produção de anos anteriores não obtivemos resultados. A escolha das novas palavras-chave: interação, psicologia, redes sociais, representação social e vínculos, teve como efeito a redução do material bibliográfico, logo, foram selecionados 11 artigos entres os anos de 2010 e 2017, submetidos a análise de dados. Assim, utilizamos como critérios de exclusão, todos os artigos não relacionados

as palavras chaves e o recorte temporal da pesquisa. No final da análise somente 04 artigos se enquadraram nos critérios específicos.

### 3. RESULTADOS

Nesta revisão bibliográfica foram encontrados 4 artigos específicos abrangendo a temática “Construção de vínculos entre os jovens no contexto atual a partir de novas formas de interação social” (Tabela 1). Os artigos encontrados foram publicados entre os anos de 2014 e 2015, sendo que os outros artigos desviam da perspectiva do tema.

<b>Ano</b>	<b>Títulos</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Revista</b>
2014	Jovens e processos de construção de identidade na rede: o caso do facebook.	Lúcia Amante Helena Marques	Educação, Formação & Tecnologias
2014	Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do facebook: um estudo qualitativo.	Raquel S. Assunção Paula M. Matos	Psicologia em Estudo.
2015	Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura.	Gabriel A. M. Rosa Benedito R. Santos	Temas em Psicologia.
2015	Exposição da vida privada em redes sociais: motivações e consequências.	Rogério do Amaral	Encontro Nacional de Ensino, Pesquisa e Extensão.
<b>Total</b>			<b>4</b>

**Tabela 1** Resultado da pesquisa de artigos no Google Acadêmico, com um recorte entre os anos de 2014 a 2015, utilizando as palavras-chave: interação, psicologia, redes sociais, representação social e vínculos.

De acordo com a análise realizada sobre tais artigos podemos citar algumas considerações, como por exemplo, a metodologia qualitativa, utilizada em todos os artigos apresentados na tabela. Os artigos analisados ainda expõem alguns fatores para o aumento do uso da internet e suas redes de comunicação social, sendo atualmente o *Facebook* a rede social mais utilizada em todo lugar, conseqüentemente por adolescentes (AMANTE; MARQUES, 2014; ASSUNÇÃO; MATOS, 2014).

Em relação às temáticas abordadas, encontramos, o processo de construção da identidade dos jovens, presentes nas discussões de Amante e Marques et al. (2014). As perspectivas e repercussões das redes sociais em Assunção e Matos (2014); Rosa e Santos (2015). E sobre as motivações que levam os jovens a exposição nas redes, com Amaral (2015).

Entre os objetivos destacamos o estudo de Assunção e Matos (2014) que buscaram compreender os posicionamentos de adolescentes quanto ao uso das redes em especial o conceito de privado, real e virtual; riscos e benefícios e, ainda, o conceito de amizade, discutido posteriormente. Logo, obtiveram resultados que indicam que os jovens distinguem a dimensão privada e a dimensão pública na utilização da rede social, e também utilizam o *Facebook* para conhecer como se dá os acontecimentos na vida de outros jovens e para comunicar-se com amigos e familiares. Sugerem-se ainda que em algumas situações os jovens consideram mais fácil compartilhar algumas questões *online* do que pessoalmente, e no que diz respeito ao conceito de amizade na rede social, funciona como uma extensão das amizades da vida real.

De acordo com Amante e Marques et al. (2014) os jovens da modernidade passam mais de um quarto do seu dia, em diversos momentos, trocando mensagens e acessando constantemente à internet. A socialização no *Facebook* vem fortalecer o pronunciamento dos afetos junto do grupo de amigos e familiares e vem expandir a rede do “eu social”. A publicidade *online* também foi um dos aspectos estudados em conjunto com a dinâmica de comunicação das mídias e redes sociais, considerando a velocidade com que a informação circula, o entretenimento e o consumo que se encontram amparados pelas mídias digitais.

Os autores Rosa e Santos (2015), optaram por mapear e revisar a literatura especializada sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade de seus usuários, investigando possíveis efeitos denominados “negociação de identidades” na subjetividade dos indivíduos. Para tal objetivo, utilizou-se a revisão bibliográfica,

concluindo que, embora existam resultados relevantes, o campo dos estudos sobre esses efeitos devem ser aprofundados para que se avance nos resultados sobre a temática.

Já para Amaral (2015) a questão a ser abordada está na exposição da vida privada em redes sociais, sua motivação e consequência. Seu estudo buscou compreender como a vida privada é “espetacularizada” na rede social e quais os resultados que tais publicações geram no indivíduo. Dessa forma, o autor pode perceber que a vida real apresentada no *Facebook* é mascarada, pois os usuários geralmente se vestem de um personagem em busca de destaque diante dos demais usuários (“amigos”). Surgem assim duas posturas, uma de positividade absoluta, e outra de tristeza profunda, em que essa exposição excessiva é motivada pela sociedade contemporânea.

Dessa forma, destacamos a complexidade em compreender todos os significados e motivações que permeiam as redes sociais, uma vez que a cada dia novas plataformas de comunicação são desenvolvidas, mas, contudo, o conhecimento das plataformas atuais ajudará na compreensão dos mecanismos de comunicação que estão por vim e as formas de relação estabelecidas através desse meio.

#### **4. DISCUSSÃO**

Partindo do conceito sobre as representações sociais, que são construídas a partir de um grupo, formando uma estrutura particular de significados e partilhados através das relações; sendo mantidas, ou preservadas de acordo com as necessidades daquele contexto social (WACHELKE; CAMARGO, 2007), apresentamos as temáticas escolhidas para a discussão, sendo elas: Noção de pertencimento do real e virtual, e conceito de amizade.

##### **4.1 Noção de pertencimento do real e virtual.**

A Teoria das Representações Sociais indica ao mesmo tempo “um produto e um processo”, um produto estruturado e simbólico na medida que toma forma de “imagens ou metáforas” e um processo, pois é elaborado dentro de um conjunto de relações estabelecidas pelo grupo. Portanto, o processo de representação procede inicialmente de suposições do senso comum, organizadas e compartilhadas socialmente, de acordo com as relações que estão estabelecidas e tem por objetivo esclarecer aspectos importante

dentro da realidade e definir a “identidade grupal” orientando as práticas sociais (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

De acordo com Alves-Mazzotti (2008) diante da grande massa de informações que circulam nas sociedades modernas, somos desafiados a nos manifestar, procurando explicações, fazendo julgamentos e tomando posições, a partir das referências que temos.

Estas interações sociais vão criando “universos consensuais” no âmbito dos quais as novas representações vão sendo produzidas e comunicadas, passando a fazer parte desse universo não mais como simples opiniões, mas como verdadeiras “teorias” do senso comum, construções esquemáticas que visam dar conta da complexidade do objeto, facilitar a comunicação e orientar condutas. Essas “teorias” ajudam a forjar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 21).

Portanto, nesse sentido as representações sociais estão ligadas aos contextos sociais e ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação presentes na modernidade, onde as representações sociais indicam, efetivam e definem critérios para os integrantes ou não de um grupo, e é por meio dessa comunicação em grande escala que as ideais são difundidas (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Além disso Alves-Mazzotti (2008) destaca que as representações sociais, que permeiam as opiniões e atitudes, são uma elaboração para a ação, não apenas por orientar o comportamento do indivíduo, sobretudo porque “reconstituem os elementos do ambiente”, integrando o comportamento a uma rede de relações.

Culturalmente os jovens estão passando por uma transição em que buscam novas descobertas e o sentido para vida, e nesse contexto se deparam com a tecnologia, seus aparatos e sua representação. Pensando nessa fase da vida, podemos nos referir aos jovens, como “vulneráveis” a receber todo tipo de informação e muitas vezes sem a capacidade de manter um equilíbrio no uso da tecnologia e das redes sociais. (BARCELOS, 2010).

Embora exista uma linha “tênue” que separe o real do virtual, que indique uma diferença, e até aponte as relações virtuais como superficiais, as relações através das redes ainda são extremamente atraentes, principalmente por atributos que permite esconder o contato direto.

Conforme Floriano; Andrade e Gomes (2017) elucida:

Diante disso, se moldam também a partir de identificações alienizantes. É certo que os jovens não são fantoches absortos e sem opinião, mas a influência da mídia e todas as tecnologias que os circundam afetam suas considerações e influenciam nas suas habilidades de fazerem escolhas (FLORIANO; ANDRADE; GOMES, 2017, p. 190).

Podemos relacionar esse caráter “alienizantes” de identificação citado, em decorrência do grande conteúdo circulado nas redes sociais, construindo modelos ideais a serem seguidos, e que podem induzir os jovens a se comportarem de forma que possam se sentirem afirmados ou aceitos pelo modo de referência construído socialmente pelas mídias. A grande maioria das pessoas que utilizam as redes sociais são jovens, que através desse espaço de interações buscam uma aceitação “passiva”, que seria aquela em que o sujeito adere a alguns comportamentos para que seja aceito pelo grupo social (BARCELOS, 2010).

Portanto, mesmo que as redes sociais possuam uma lista de vantagens e pontos positivos, não há como negar que exista uma diferença da comunicação e a forma de se relacionar pessoalmente. A expressão facial e o tom de voz perdem sua essência na comunicação virtual. Um problema destacado pelos jovens na pesquisa de Barcelos (2010) seria a dificuldade de demonstrar as emoções, características próprias de cada um, que são transmitidas nas expressões corporais. E ainda, pelo fato de não estarem face a face, à comunicação pode ser mal interpretada, no caso de mensagens, ou retornadas através da mídia de forma não fidedigna. De fato, a comunicação mediada pela rede, permite que a pessoa possua o controle de demonstrar ou não a reação verdadeira por traz da conversa.

#### **4.2 Conceito de amizade**

De acordo com a abordagem dinâmica, as Representações Sociais “devem ser investigadas por meio da articulação de elementos afetivos, mentais e sociais, associando a cognição, linguagem e comunicação” (JODELET, 2001 *apud* FITARONI, 2016, p.47) considerando, pois, sua perspectiva multidimensional. A Teoria das Representações Sociais possui um ponto de vista baseado na relação entre o indivíduo e a sociedade, afim de compreender o pensamento social e como esse pensamento intervêm na vida diária das pessoas. Portanto, são conhecimentos estabelecidos socialmente, partilhados e inseparáveis do que se constitui como simbólico para o sujeito ou grupo, sendo assim, tornam-se linguagem, orientando comunicações e condutas dentro de uma rede de relações interpessoais.

Nessa perspectiva, as novidades tecnológicas trazem um grande desafio no entendimento da evolução do homem à “interferência psicológica”, assim sendo, o caso volta a ser interessante, na qual proporção esta inovação aprimora a comunicabilidade e

as relações sociais no meio dos jovens (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014). Tais autores ilustram ainda que:

As relações de amizade na rede social revelam-se também um campo de estudo que deve ser aprofundado, uma vez que estes jovens identificam as suas relações de amizade na rede social de uma forma muito distinta do estabelecimento de relações na vida real. Se por um lado, os seus perfis contêm os seus amigos próximos, e com estes a comunicação se estende da realidade ao contexto virtual, por outro contêm também inúmeros conhecidos e até alguns desconhecidos na grande maioria dos utilizadores (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014, p.546).

De acordo com a pesquisa de Barcelos (2010), a conectividade é um tema comum abordado e aparece como a principal motivação para a apropriação das novas tecnologias. A conectividade possui um sentido de “proximidade constante”, e de economia de tempo, as mensagens são quase que instantâneas, proporcionando o imediatismo, esperado pela juventude. E o que falar sobre as centenas de amigos, que nem sempre significam amigos, mas adicionar o contato a lista já se tornou um hábito frequente entre eles. Estabelecer uma conexão com outro, poder se comunicar quando quiser e a possibilidade de “desenvolver um relacionamento” são alguns dos argumentos que justificam a lista de amigos.

De acordo com um estudo realizado sobre a “comunicação mediada por computador”, a utilização do *Facebook* pelos jovens pode propiciar uma redução da comunicabilidade no meio familiar e de certa forma diminuir a dimensão do círculo grupal, e neste sentido manifestar depressão e solidão. Portanto, esses efeitos estão diretamente ligados ao relacionamento virtual, em que se substitui as “amizades *off-line*” pelas amizades conectadas (KUJATH, 2011).

A análise traz também a necessidade de o indivíduo compartilhar e ser visualizado nas redes, que surge através de um padrão imposto por aquele grupo que o mesmo busca atingir ou estar inserido. Sendo assim, os usuários se manifestam diante de fatos, de pessoas e de grupos na medida em que esses posicionamentos indiquem algum tipo de benefício para os sujeitos envolvidos nessa relação (ROSA; SANTOS, 2015). Essas manifestações, por um lado, revelam o que os participantes sentem, pensam e desejam, contudo, por outro lado, encobrem o que ocorre por trás dessa interação.

A partir da perspectiva das representações sociais, o pensamento coletivo pode ser utilizado para explicar o comportamento individual, partindo da ideia de que os fenômenos sociais, se formam de “contrapartes individuais” da realidade coletiva e que os indivíduos estabelecem percepções uns dos outros, e mantêm atitudes. Mesmo que o

indivíduo descorde de algumas questões de “representação do seu grupo”, ele tem noção da existência dessa representação social compartilhada pelo grupo. Portanto, a representação social pode não fazer parte da sua representação individual, mas não deixa de ser uma forma de referência. É importante pensar que o indivíduo não se orienta por uma única representação social, mas dependem dos grupos que ele tome como parte. Porém, uma representação social torna-se mais ou menos relevante, de acordo com o pertencimento grupal e valoração por parte do indivíduo (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Nesse sentido, as redes sociais podem fazer com que os jovens se sintam membros de uma “comunidade global”, constantemente e conectado ao outro (BARCELOS, 2010). E nesta relação de “dependência”, os adolescentes e jovens consideram o *Facebook* uma ferramenta indispensável no dia a dia, que permite uma conexão com o mundo.

Dessa forma podemos pensar nas representações sociais como “fenômenos complexos” que atuam na vida social, presentes nas falas, circulando em mensagens e nas imagens difundidas pela mídia, nas redes sociais e formas de comunicação do contexto atual. Tratam-se do conhecimento manifesto, produzidos pelo senso comum, ligados a um sistema de ideias, princípios, crenças, valores, costumes, juízos e opiniões (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base na discussão apresentada, percebe-se a importância em explorar ainda mais as possíveis repercussões das redes sociais na subjetividade dos jovens, compreendendo melhor os sentidos que emergem das interações. Contudo é possível notar um processo de negociação de identidades que atravessam as relações sociais e a construção de vínculos mediadas pelas redes sociais, com base na seleção de traços ou características que serão expostas ou ocultadas, dependendo das pessoas com as quais os jovens interagem, e ainda, de acordo com a noção de pertencimento e o conceito de amizade entendidas e estabelecidas nessa relação.

Neste sentido, o estudo das representações sociais pode ser um caminho promissor para atingir tais finalidades, na medida em que busca explicar como são formados os sistemas de referências utilizados pelos jovens ou um determinado grupo, para classificar as pessoas e grupos, bem como, explicar as situações vivenciadas no cotidiano.

Podemos considerar que as redes sociais se alteraram nos últimos anos, e se encontram em constante mudanças, logo, os jovens em seu desenvolvimento, se adaptaram a esse novo contexto, utilizando as novas mídias como o principal meio de comunicação, diminuindo, portanto, as interações presenciais. A geração denominada Z, se acostumou ao acesso fácil e rápido, e a relação constante com as redes sociais. Embora alguns autores classifiquem essa geração de acordo com o ano de nascimento, não há um consenso, oscilando, pois, entre a geração nascida na década 90, até os vinte anos seguintes. Dessa forma, pressupõe-se neste estudo que estamos nos referindo a essa geração. Logo, cada geração passa por um momento único que demarca sua trajetória e molda suas relações e perspectivas de acordo com as variações tecnológicas que vivenciaram (REIS; TOMAÉL, 2017).

As modificações que submergem das redes sociais, sobre tudo nas relações com os familiares, acabaram marcando presença na construção da identidade dos adolescentes. Com a introdução das redes sociais no dia-a-dia das famílias, surgiu novos modelos de comunicação entre pais e filhos. A Geração citada marca a “primeira composta por nativos digitais”, que utilizam da comunicação imediata para suas interações, seu forte caráter individualista também aparece nas plataformas *online*, prejudicando à comunicação verbal, sendo mais desafiadora a função de se relacionar de forma pessoal (REIS; TOMAÉL, 2017, p. 374).

Dessa forma, os estudos ressaltam limites e possibilidades, dois polos ambíguos que podem dificultar a compreensão de como a construção de vínculos é realmente vivenciado pelos jovens, em contrapartida, indicam um caminho para o desenvolvimento de futuras pesquisas, tanto no aspecto teórico, como na pesquisa a campo, enriquecendo o trabalho com dados e subsídios para que se confirme tal realidade. Além de sugerir posteriormente novas possibilidades, pensando em como as redes sociais atravessam as relações dos pais com os filhos, abrangendo o âmbito familiar.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 01, n. 01, p. 18-43, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/1169/1181>. Acesso em 01 mai. 2019.

AMANTE, L. et al. Jovens e processos de construção de identidade na rede: O caso do Facebook. **Educação, Formação & Tecnologias**, 7 (2), 26-38, nov. 2014 [Online]. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5112356>>. Acesso em 12 set. 2018.

AMARAL, R. **Exposição da vida privada em redes sociais: motivações consequências.** Presidente Prudente: Colloquium Humanarum. vol. 12, n Especial, p. 475-483, out. 2015. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2015/suplementos/area/Humanarum/Comunica%C3%A7%C3%A3o/EXPOSI%C3%87%C3%83O%20DA%20VIDA%20PRIVADA%20EM%20REDES%20SOCIAIS%20MOTIVA%C3%87%C3%95ES%20E%20CONSEQU%C3%84NCIAS.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

ASSUNÇÃO, S. R; MATOS, M. P. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 539-547, jul. /set. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722014000300018&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722014000300018&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BARCELOS, R. H. **Nova mídia, Socialização e Adolescência. Um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens.** Porto Alegre – RS, 2010. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRAGA, A. Sociabilidades e a reconfiguração das relações sociais. Desigualdade & Diversidade. **Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, nº 9, p, 95-104, ago./dez., 2011. Disponível em: <<http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=158&sid=18>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

FITARONI, B. J. Morte nos cuidados paliativos: representações sociais da equipe multidisciplinar. **A teoria das Representações Sociais**, Florianópolis – SC, 2016. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. pp. 40-46.

FLORIANO, I. E; ANDRADE, L; GOMES; A. H. Olhares psicológicos: As adolescências e as influências das tecnologias da informação e comunicação sob a ótica de profissionais psicólogos/as. **Revista Professare**, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em <<http://periodicos.uniarp.edu.br/professare/article/view/1257>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

KUJATH, C. Kujath, C. (2011). **Facebook and Myspace: complement or substitute for face-to-face interaction.** Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, 14, 75–78. Disponível em: <[http://web.mit.edu/writing/2012/July\\_Summary\\_Readings/Facebook-Complement\\_or\\_Substitute\\_to\\_Face-to-face\\_interaction.pdf](http://web.mit.edu/writing/2012/July_Summary_Readings/Facebook-Complement_or_Substitute_to_Face-to-face_interaction.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 108p.

REIS, E. V.; TOMAÉL, M. I. A geração z e as plataformas tecnológicas. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 371-388, out. 2017. ISSN 1981-8920. Disponível em:

<<http://www.uel.br/seer/index.php/informacao/article/view/31460/22018>>. Acesso em: 20 nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n2p371>.

ROSA, G. A. M.; SANTOS, B. R. Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade de Usuários: Uma Revisão Crítica da Literatura. Brasília: **Trens in Psychology/Temas em Psicologia**. Vol.23, nº 4, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000400010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400010)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SANTOS, V. M; CABESTRÉ, S; MORAES, E. **A comunicação na era das Redes Sociais: Aproximações teóricas**. Disponível em: <<http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/e.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

WACHELKE, F. R. J; CAMARGO V. B. Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**. Vol. 41, Num. 3, 2007. pp. 379-390. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2018.